

SERRAVES

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Português English



CINDY SHERMAN

METAMORFOSES

METAMORPHOSIS

EXPOSIÇÃO **EXHIBITION**

A exposição **Cindy Sherman: Metamorfoses** foi produzida pelo Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto, em parceria com The Broad Art Foundation, Los Angeles, e tem curadoria de Philippe Vergne, com a coordenação de Paula Fernandes.

Agradecemos especialmente a The Broad, Los Angeles, Califórnia, The Broad Art Foundation e à Coleção Eli and Edythe L. Broad a sua colaboração neste projeto.

Salvo menção em contrário, todas as obras de arte expostas são propriedade de The Broad Art Foundation, Los Angeles.

The exhibition **Cindy Sherman: Metamorphosis** was produced by the Serralves Museum of Contemporary Art, Porto, in collaboration with The Broad Art Foundation, Los Angeles, and is curated by Philippe Vergne, with the coordination of Paula Fernandes.

Special thanks to The Broad, Los Angeles, California, The Broad Art Foundation, and the Eli and Edythe L. Broad Collection.

Unless otherwise mentioned, all artworks in the exhibition are on loan from The Broad Art Foundation, Los Angeles.

PUBLICAÇÃO **PUBLICATION**

Sobretudo conhecida por imagens em que se retrata como modelo da sua própria obra, encarnando o papel de estereótipos femininos convencionados pelos média num vasto leque de personagens e ambientes, Cindy Sherman fotografa sozinha no seu estúdio, atuando como diretora artística, fotógrafa, maquilhadora, cabeleireira e intérprete do papel a desempenhar. A prática do retrato que iniciou há décadas é responsável por algumas das mais marcantes e influentes imagens da arte contemporânea. Com reproduções de todas as obras de Sherman em exposição, esta publicação inclui contributos inéditos de Joanne Heyler, Philippe Vergne, Maria Filomena Molder e Sérgio Mah abordando assuntos prementes como identidade, género e representação bem como o papel das imagens na sociedade contemporânea. Conta ainda com uma reedição da conversa entre a artista e Sofia Coppola.

Most well-known for photographs that feature the artist as her own model playing out media-influenced female stereotypes in a range of personas and environments, Cindy Sherman shoots alone in her studio, serving as director, photographer, make-up artist, hairstylist and subject. Her decades-long performative practice has produced many of contemporary art's most iconic and influential images. Featuring reproductions of all works by Sherman on display, this publication will also include contributions by Joanne Heyler, Philippe Vergne, Maria Filomena Molder and Sérgio Mah on powerful questions about identity, gender, representation and the role of images in contemporaneity, together with a reprint of a conversation between the artist and Sofia Coppola.

CINDY SHERMAN **METAMORFOSES**

Cindy Sherman: Metamorfoses reúne um conjunto de obras que abrange toda a carreira da artista, desde os seus primeiros projetos até ao trabalho mais recente. A exposição foi concebida em estreito diálogo com a artista e em parceria com The Broad Art Foundation, Los Angeles, a instituição que possui a mais abrangente coleção do trabalho de Sherman.

Embora se apresentem trabalhos de praticamente todas as séries da artista, incluindo os seus projetos a preto e branco dos anos 1970, a abordagem escolhida não foi a cronológica. A exposição está estruturada como um conjunto de cenários baseados nas narrativas implícitas nos trabalhos de Sherman e o seu título, aberto a uma multiplicidade de interpretações, inspira-se numa citação de Agustina Bessa-Luís:

As pessoas estão continuamente sujeitas a metamorfoses que chamaremos de ficção, mas que é o próprio instrumento da realidade... O indivíduo não contém apenas seu duplo, mas muitos outros que reivindicam sua identidade do fundo do ser.

Esta metamorfose descrita por Agustina reflete o processo de trabalho de Sherman: a transformação física da artista, simultaneamente autora e modelo das suas imagens, representando vários papéis. As mutações que provoca em si própria através das alterações físicas a que se submete para cada uma das suas produções são sistemáticas, detalhadas, pormenorizadas, metódicas e transformativas. Os seus trabalhos não se limitam apenas a destacar um sentido de 'metamorfose' - através da sua particular encenação, intuímos a ficção e os mundos ficcionados nas encenações pessoais de Sherman, o multiverso e a

duplicidade de personagens que não são duplos da artista. Esta forma de trabalho exige distanciamento e concentração para alcançar o resultado desejado. Diz-nos a artista que o facto de trabalhar digitalmente ajuda a concretizar a magia; o processo analógico, único, exige mais assertividade.

RETRATOS: DA HISTÓRIA DA ARTE AOS FOTOGRAMAS DE FILMES

Na primeira sala do museu somos confrontados com um conjunto de obras que a artista realizou no final da década de 1980 e inícios de 1990, habitualmente referidos como **Retratos Históricos**. Nestas obras, em que a artista usa a cor e impressões de grande escala, reconhecemos quase de imediato algumas das pinturas mais famosas realizadas entre o século XVI e o início do século XIX. Geralmente retratos, a artista representa-se a si própria à imagem dessas pinturas, usando para tal acessórios, roupas e toda uma parafernália de objetos que remetem para as pinturas originais. Por exemplo, em *Sem título nº 205*, 1989, Sherman posa como *La Fornarina* (o retrato de uma jovem mulher pintado por Rafael entre 1518 e 1519); mas apesar da similitude com a obra original, conseguimos detetar quase de imediato a mascarada e os acessórios de que se serve: os seios e a barriga falsa de grávida, feitos num material plástico.

Nas obras dispostas nesta sala, em que Sherman se retrata na pele de personagens bem conhecidas da pintura clássica, reconhecemos não só obras de Rafael, mas também de Jean Fouquet, Oscar Gustave Rejlander, Caravaggio ou Bernardino Luini. Algumas vezes, Sherman inspira-se diretamente nas obras destes pintores, outras vezes cria composições cuja origem pode ser a colagem de imagens de revistas que depois pinta e copia. A artista iniciou esta série enquanto vivia em Roma; mas apesar de ter fácil acesso às obras dos

Velhos Mestres preferiu trabalhar com imagens recolhidas em livros em vez de observar as pinturas originais. O seu trabalho é pois uma reflexão sobre literacia visual e a relevância dos média na nossa cultura. Através de um largo espectro de retratos e autorretratos, cujos estilos incluem a Renascença, o Barroco, o Rococó ou o Neoclassicismo, Sherman transforma-se em figuras femininas ou masculinas, diluindo as fronteiras de género.

Analisando o estatuto histórico do retrato, estes trabalhos mostram-nos imagens de poder, ambição, posição social, vaidade e questionam a representação nas obras dos Velhos Mestres.

PASSAGEIROS DE AUTOCARRO, PALHAÇOS E ESTRELAS DE FILMES

FOTOGRAMAS SEM TÍTULO, 1977-80

Criados em finais dos anos 1970, os **Fotogramas sem título** foram inspirados por filmes de série B dos anos 1950 e 60, que geralmente apresentavam as mulheres como donas de casa solitárias, raparigas ingénuas e trabalhadoras, ou negligenciadas e abandonadas pelos seus amantes. Controlando totalmente a câmara, Sherman fotografa usando como cenário exteriores que por vezes dão à imagem um aspeto bucólico e nostálgico.

A partir dos anos 1990, Sherman começa a subtrair a sua presença da imagem. Inicialmente posiciona-se fora do centro e mais tarde desaparece totalmente, passando a construir cenários apocalípticos ou grotescos ou cenas de acidentes. Nesta sala encontramos a série **Máscaras**, criada em 1996, em que vemos rostos em primeiro plano que foram totalmente desfigurados pelo excesso de maquilhagem. Os rostos são enigmáticos, artificiais e inescrutáveis, provocando no espectador uma sensação de repulsa, estranheza ou aversão.

Desta época são também as obras expostas no segundo piso do Museu (sala 2): as **Imagens Sexuais** (1992-1996) e as **Imagens Surrealistas** (1993-1994). Trata-se de imagens irreais, habitadas por personagens sobrenaturais e terríficas, encarnando medos irracionais e pesadelos do passado, no limite do abjeto. Aos poucos, o corpo da artista é substituído por seios falsos, excrescências humanas, fluídos corporais, detritos sexuais e próteses médicas.

A série **Palhaços** explora o sentimento de ansiedade e opressão que esta personagem circense provoca. Para estas obras, a artista realizou uma minuciosa pesquisa em sites de palhaços na internet e atribuiu-lhes uma grande carga psicológica; as fotografias são mais perturbantes do que divertidas e a pesada maquilhagem esconde mais do que o que revela.

As obras apresentadas na sala adjacente datam de 1983, quando Sherman foi contratada para as campanhas publicitárias de algumas casas de moda (Jean-Paul Gaultier, Comme des Garçons). A resposta da artista foi criar imagens que parodiam o universo da moda - contrariando visceralmente os padrões convencionados da perfeição absoluta - e em que volta a retratar-se como personagem. Na verdade, o seu interesse pelo mundo da moda datava já de 1976, da série **Modelo de capa**, constituída por fotografias em que a artista reproduz a imagem da modelo na capa de revistas como a *Vogue*, a *Cosmopolitan* ou *Mademoiselle*.

PRIMEIROS PLANOS E RETRATOS FEMININOS DA SOCIEDADE

No segundo piso da exposição encontramos uma série precursora dos *Fotogramas sem título*. Para **Mistério e Assassinato**, 1976, a artista inspirou-se no *film noir*, um género que na altura consumia avidamente.

Neste mistério policial, a artista constrói uma peça fictícia, na qual interpreta todos os papéis, numa trama de mistério que se adensa a cada imagem.

Nos anos 2000 a artista regressa ao enquadramento central da câmara e transforma-se na atriz que posa para a série **Primeiros Planos**, uma quase taxonomia do retrato de sociedade.

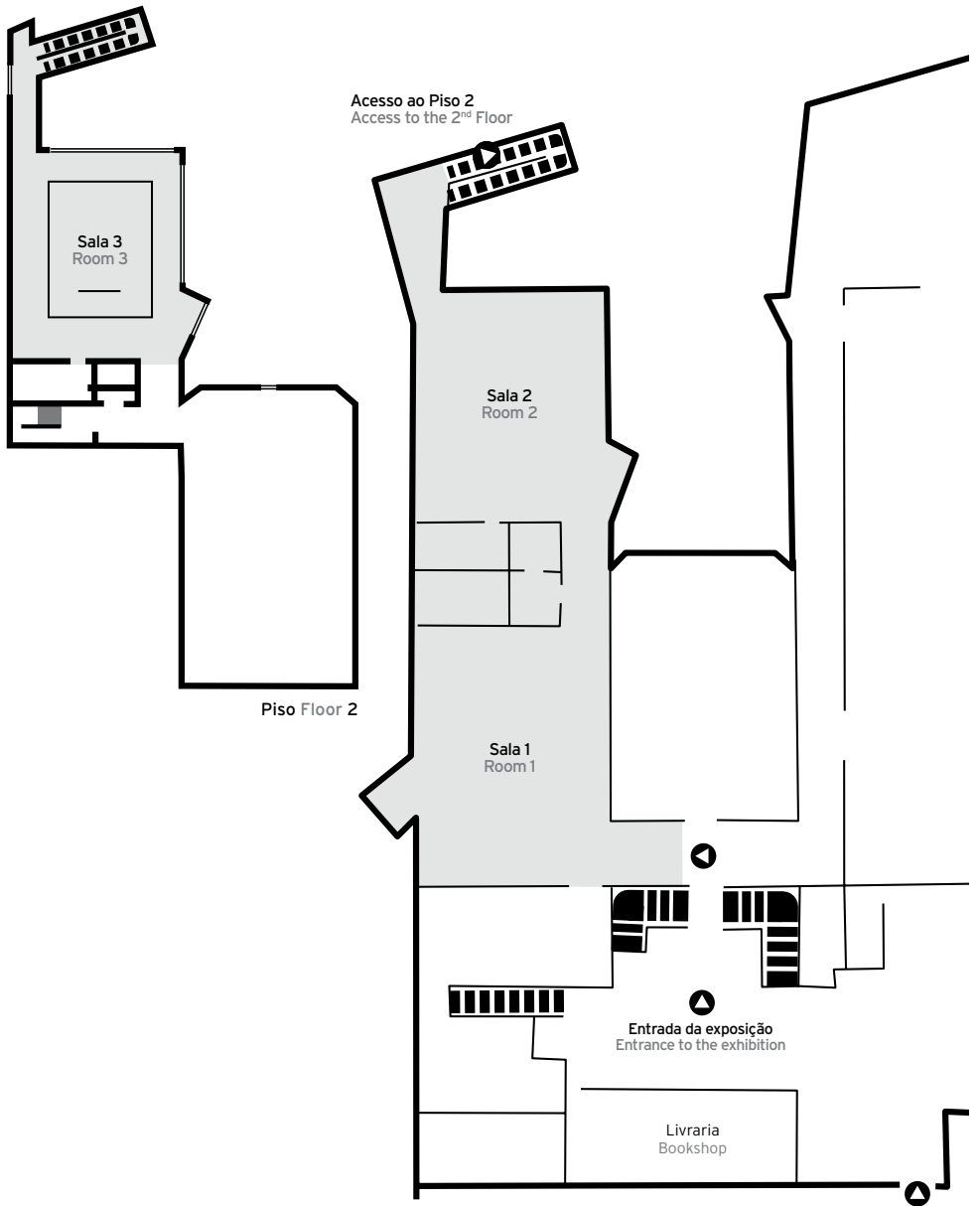
Em 2008, nos **Retratos de Sociedade**, a artista fotografa-se encarnando figuras distintas e realçando nas imagens os sinais de envelhecimento. Vemos mulheres maduras, poderosas e influentes, de um determinado estatuto social, usando maquilhagem, desafiando, como Dorian Gray, os efeitos da passagem do tempo. Recorrendo à tecnologia digital, Sherman instala as suas personagens em cenários idílicos e dá-lhes assim uma história de vida.

O recurso a ferramentas emprestadas do teatro para produzir retratos de tão diversificadas personagens garante-lhes a necessária autenticidade, que é no entanto perturbada por elementos dissonantes que a artista inclui conscientemente na composição, sem qualquer esforço para os ocultar: perucas desalinhadas, próteses ou implantes a cair, maquilhagem esborratada. Estas fotografias parecem encomendas para revistas de moda de mulheres cheias de glamour e intensidade que assumem tranquilamente a sua idade.

Para a série **Flappers**, de 2016-2018, a artista inspirou-se na geração de mulheres dinâmicas saída da Primeira Guerra Mundial, que pareciam atrizes da era dos filmes mudos. Através de maquilhagem, perucas e um estilo específico de guarda-roupa, a artista replica na perfeição o estereótipo daquelas mulheres que conquistaram uma certa liberdade, fumavam em público e se destacavam pelo seu comportamento e aparência liberal, em contraste com as normas de conduta dominantes de uma

sociedade fechada e intransigente. Finalmente, é importante realçar o mural que Sherman concebeu e adaptou para o Museu de Serralves. Esta série de trabalhos criada em 2010 é para ela um campo de experimentação. Somos de imediato confrontados com uma personagem não maquilhada. A artista vê estes trabalhos como estudos em que altera digitalmente o seu rosto. Inicialmente, as modificações eram quase imperceptíveis, mas progressivamente começaram a ter mais expressão. A maquilhagem passou a ser feita em Photoshop. Alterações da posição dos olhos, um rubor mais expressivo nas maçãs do rosto, perucas diferentes e a estranheza do vestuário, tudo é usado para construir figuras que se posicionam numa paisagem estranha e assumem uma escala monumental, impressas em tecido autocolante e instaladas diretamente na parede.

Embora teóricos e críticos de arte associem geralmente o trabalho de Sherman ao feminismo e a temas como a violência e o voyeurismo, a artista prefere evitar essa classificação e instrumentalização teórica. Quando constrói uma personagem, não tem em mente uma pessoa específica, mas antes um género. A complexidade da narrativa é determinada pela especificidade da relação entre o cenário e a figura que o ocupa. O trabalho de Cindy Sherman deve ser visto como uma dramaturgia para uma peça em que a artista é simultaneamente sujeito e objeto da sua obra, com a qual constrói uma constelação inteiramente sua.



Acesso ao Piso 2
Access to the 2nd Floor

Sala 3
Room 3

Sala 2
Room 2

Sala 1
Room 1

Piso Floor 2

Entrada da exposição
Entrance to the exhibition

Livraria
Bookshop

PÁTIO DA ADELINA

Entrada do Museu
Entrance to the Museum
Piso Floor 3

CINDY SHERMAN **METAMORPHOSIS**

Cindy Sherman: Metamorphosis features a set of works from the artist's entire career – from her early projects to most recent works. The exhibition is organised in close dialogue with the artist and in partnership with The Broad Art Foundation, Los Angeles, an institution that has constituted the most comprehensive collection of Sherman's work.

Although the exhibition includes works from many of the artist's series, including her black-and-white projects from the 1970s, it does not aim to offer a chronological approach; it is structured as a series of scenarios based on the inherent narratives of Sherman's works and its title, which remains often to many interpretations, is inspired by an Agustina Bessa-Luís's quote:

They are continually subject to metamorphoses, which we will call fiction, but which is actually the very instrument of reality... Each individual contains their own double, and also many others who claim their identity from the depths of their being.

This metamorphosis, as described by Agustina, reflects Sherman's working process: the physical transformation of the artist, who is the author and also the model in her own images, playing different characters. She creates systematic, detailed, methodical and transformative mutations through the physical alterations she undergoes for each series. Sherman's works not only highlight a sense of *metamorphosis* – through their individual staging, we also intuit narratives and fictional worlds, the multiverse and a duplicity of characters that are not the artist's doubles. This working process forces the artist to

maintain her concentration and sense of detachment in order to attain the desired result. She explains that the fact of working digitally helps her create magic; the unique analogue process requires greater assertiveness.

PORTRAITS: FROM THE HISTORY OF PAINTING TO FILM STILLS

In the first room of the exhibition, we are confronted with a set of Sherman's works from the late 1980s and early 1990s, commonly known as the ***History Portraits***. In these large-scale colour prints, we almost immediately recognise some of the most famous paintings from the period between the 16th and the early 19th centuries. Sherman presents herself in a manner that is reminiscent of these paintings, adorned with accessories, clothes and a paraphernalia of objects that refer to the original paintings. For example, in *Untitled #205* (1989), Sherman poses in the style of *La Fornarina* (the portrait of a young woman painted by Raphael between 1518 and 1519), but despite the similarity with the original work, we are almost immediately able to detect the masquerade and its accessories: the fake pregnant belly and breasts, made of plastic material.

Cindy Sherman portrays herself in the style of well-known classic paintings. In the works presented in this room, besides Raphael, we recognise painters such as Jean Fouquet, Oscar Gustave Rejlander, Caravaggio and Bernardino Luini. In many instances she is simply inspired by these paintings, whereas in others she creates compositions whose origin may be the result of collaging images from magazines that she then copied. The artist began this series while she was living in Rome. Despite having direct access to the Old Masters' iconic works, she favoured working with images retrieved from

books instead of looking at the original paintings. Her work is therefore a reflexion on visual literacy and the prominence of media in our culture. Though the spectrum of portraiture and self-portraiture, an extremely broad range of styles and periods, such as the Renaissance, Baroque, Rococo and Neo-classicism are recalled and appropriated in works blurring the lines between female and male gender. Analysing the status of portraiture, these works display images of power, ambition, social status, vanity. In them, Sherman questions the representation in the portraits of the Old Masters.

FILM STILLS, BUS RIDERS, CLOWNS AND MOVIE STARS

UNTITLED FILM STILLS, 1977-80

Created in the late 1970s, the **Untitled Film Stills** are inspired by B-films of the 1950s and 1960s, which generally portrayed women as lonely housewives, naive or hardworking girls, neglected or abandoned by their lovers. In full control of her camera, Sherman shoots her images using outdoor locations as a backdrop, which sometimes endows them with a nostalgic and bucolic feeling.

From the 1990s onwards, Sherman starts to remove herself from her work. She initially moved to off-centre positions, and subsequently ceased to be present altogether, as she built apocalyptic or grotesque settings or sites of accidents. In this room we find the **Masks** series, created in 1996, which features close-ups of faces that have been completely disfigured through excessive make-up. The faces are enigmatic, artificial and inscrutable, provoking a sensation of repugnance, weirdness and repulsion.

The works displayed on the Museum's second floor (room 2) are also from this

period: **Sex Pictures** (1992-1996) and **Surrealist Images** (1993-1994). Unreal images featuring supernatural and terrifying characters, embodying irrational fears and nightmares from the past, at the limit of the abject. The artist's body is gradually replaced by prosthetic body parts, human excrescences, bodily fluids, sexual debris, medical prostheses

Her **Clowns** series explores the feeling of anxiety and oppression associated with the figure of this circus entertainer. For this series, she trawled intensively through internet sites dedicated to clowns and gave them a tremendous psychological weight: her photographs are more disturbing than entertaining, and the make-up becomes the mask that both reveals and conceals.

The works in the adjoining room date from 1983, when Sherman was hired to produce advertising campaigns for several fashion houses (Jean-Paul Gaultier, Comme des Garçons). The artist's response was to create images that parody the world of fashion - viscerally contradicting the conventional standards of absolute perfection - where she portraits herself again, as her interest in fashion dates back to 1976, to her series **The Cover Girls**, which consists of photos where the artist replicates the cover of magazines such as *Vogue*, *Cosmopolitan* or *Mademoiselle*.

FEMALE HEAD SHOTS AND SOCIETY PORTRAITS

On the second floor of the exhibition, we find a precursor series to the **Untitled Film Stills**. In **Murder Mystery**, 1976, Sherman was inspired by film noir, which she avidly consumed. She built a fictional work, in which she played all the roles, in a mysterious plot that thickens with each image.

In the 2000s, she returned to centre-frame of the camera, she starred as the actress posing for the series **Head Shots**, almost a taxonomy of social portraiture. In 2008, in **Society Portraits**, the artist portrayed distinguished society figures, highlighting their signs of age in the images. We see powerful and influential mature women, who hold a certain social status, wearing make-up, and defying, as Dorian Gray, the effect of time. Using digital technology, Sherman builds idyllic settings in which she places her characters and gives them a life story.

The use of mechanisms borrowed from the theatre to produce the portraits of such diverse characters guarantees the necessary authenticity, but nonetheless includes dissonant elements that the artist consciously inserts in the composition, without any attempt to conceal them - misaligned wigs, prostheses or implants that are falling off, smudged makeup. The photographs resemble commissions for fashion magazines from glamorous and extremely intense women who calmly assume their age.

In the 2016-2018 series, **Flappers**, the artist was inspired by the generation of energetic women that emerged in the aftermath of the First World War, resembling actresses from the silent film era. Using make-up and wigs, and a specific style of wardrobe, the artist perfectly replicates a stereotype of women who conquered a certain level of freedom, smoking in public and standing out for their behaviour and liberal appearance, in contrast with the prevailing codes of conduct of an intransigent and closed society.

Finally, it is important to highlight the mural that Sherman designed and adapted for the Serralves Museum. This series, created in 2010, offers a field of experimentation. We are immediately

confronted with a character without make-up. The artist views these works as studies, in which she digitally alters the faces. Initially she introduced small, almost imperceptible changes and then more noticeable alterations, using Photoshop as a makeup device. The changes in the position of the eyes, more expressive blush on the cheeks, different wigs and the strangeness of the clothes, are used to rebuild personas, positioned in a strange landscape, this time on a monumental large scale, printed on self-adhesive fabric and directly installed on the wall.

Although her work is generally classified by critics and theorists as being linked to feminism and themes like violence and voyeurism, Sherman herself prefers to avoid such associations and theoretical instrumentalisation. When building a character, she does not have a specific person in mind, but a genre. The complexity of the narrative is determined by the specificity of the relationship between the setting and the character. Cindy Sherman's work should be viewed as a dramaturgical composition for a play in which, simultaneously, the artist is the subject and object of her work, thereby building a constellation that is entirely her own.

VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias.
Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h-13h/14h30-17h)
Minimum two-week advance booking is required. For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 a.m. – 1 p.m. and 2.30–5.00 p.m.)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt
Tel. (linha direta/direct line): 22 615 65 00
Tel: 22 615 65 46

Marcações online em Online booking at www.serralves.pt

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

loja.online@serralves.pt
www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

Seg Mon - Dom Sun - Fer Holidays: 10h00-19h00

BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após à visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

Seg Mon - Sex Fri: 12h00-19h00

Sáb Sat - Dom Sun - Fer Holidays: 10h00-19h00

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

Seg Mon - Sex Fri: 12h00-18h00

Sáb Sat - Dom Sun - Fer Holiday: 11h00-19h00

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

General line:
(+ 351) 808 200 543
(+ 351) 226 156 500

www.serralves.pt

[f /fundacaoserralves](https://www.facebook.com/fundacaoserralves)

[t /serralves_twit](https://www.tumblr.com/serralves_twit)

[ig /fundacao_serralves](https://www.instagram.com/fundacao_serralves)

[yt /serralves](https://www.youtube.com/serralves)

Agradecemos especialmente a The Broad em Los Angeles, Califórnia, The Broad Art Foundation, e à Coleção Eli and Edythe L. Broad a sua colaboração neste projeto. Special thanks to The Broad in Los Angeles, California, The Broad Art Foundation, and the Eli and Edythe L. Broad Collection.

Apoio institucional
Institutional support

Mecenas da Exposição
Exhibition supported by

